

As crianças da mina

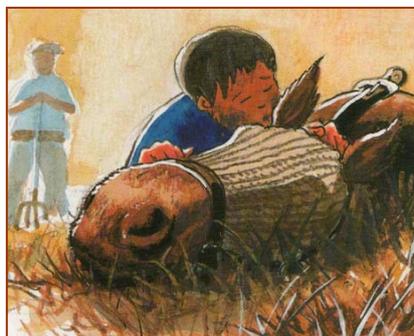
... *continuação*

Um dia, à hora da saída, Louis e Tounet foram atraídos por um relinchar. Um cavalo ia descer ao fundo da mina. Quando se aproximaram dele, reconheceram Tambour, o amigo que os saudava sempre no caminho para a escola.

O palafreheiro estava desesperado:

— O animal está demasiado nervoso. Nunca mais o atamos.

Sem proferir palavra, Tounet ajoelhou-se junto do cavalo e sussurrou-lhe algumas palavras ao ouvido.



Depois de alguns minutos, disse ao palafreheiro:

— Ele já está pronto para descer.

Com efeito, e para surpresa de todos, o animal parara de relinchar e parecia agora calmo. Deixou-se atar sem nervosismo, e em breve descia para o interior do poço, viajando dentro da cabina. Tambour deixava para sempre a superfície. Nunca mais veria a luz do dia...

As semanas passaram e Louis empurrava os vagões cada vez com mais facilidade. Mas era um trabalho muitíssimo duro: doíam-lhe as pernas, os braços e as costas, e o medo do grisu nunca o largava. Quando não conseguia reprimir mais as lágrimas, escondia-se para que não o vissem chorar.

Tounet tinha trocado Apolo por Tambour. Era a única pessoa que conseguia fazê-lo trabalhar. Quando ouviam um pequeno assobio alegre, todos sabiam que Tounet se aproximava com Tambour.

Louis havia também de recuperar o sorriso graças a uma personagem que começou a trabalhar no “Inferno”. Certo dia, diante do seu vagão, apareceu um senhor elegantemente vestido.

– Quem terá tido a ideia de abrir galerias tão estreitas? – exclamou o homem.

Ao ver a criança, perguntou-lhe:

– Será que poderias ajudar-me, meu pequeno?

– Tenho de levar o vagão ao comboio, senhor – respondeu Louis.

– Deixa lá, não é isso que vai parar o trabalho na mina. De qualquer forma, nem sequer deverias estar aqui – continuou o homem.

Convencido, Louis deixou o vagão e ajudou o homem a desenrolar uma corrente estranha.

– Ora bem, onde terei posto o meu lápis? – perguntou-se o estranho.

– Está na sua orelha – reparou o rapaz.

– Está pois. Sou tão distraído – murmurou a personagem.

“Quem será este senhor tão estranho?” perguntava-se Louis.

De repente, ouviu-se um grito:

– Louis, onde estás?

Era Ratel.

– Com que então, escondes-te aí. Vais ver...

Ratel estacou ao avistar o visitante.

– Oh, Senhor Chagnon! Não o tinha visto – desculpou-se, num tom de voz servil.

– Vejo que não – disse, secamente, o homem.

Aproximando-se do encarregado, perguntou:

– Não lhe tinha já dito para parar a exploração deste sector?

– Disse sim, mas eu pensava que...

– Muito bem. Falarei directamente com o administrador.

O homem pegou no saco que tinha posto no chão e pediu a Louis:

– Pega no meu material e segue-me, pequeno.

– E o meu vagão? Quem vai empurrá-lo? – perguntou Ratel.

– Empurre-o você. A partir de agora, esta criança é o meu assistente pessoal.

Virou costas ao encarregado e afastou-se, seguido de Louis. Ratel ficou vermelho de raiva. Uma raiva que não se apagaria...

O Senhor Chagnon era engenheiro agrimensor. O seu trabalho consistia em medir as galerias com precisão, a fim de poder cartografar as minas. Utilizava instrumentos muito engraçados, que Louis estava encarregado de transportar. A criança acompanhava o agrimensor em todas as suas deslocações e ficava a conhecer as galerias.

Um dia, desembocaram numa galeria onde corria um pequeno riacho. Aqui e ali, as ratazanas comiam a madeira do passadiço e os cogumelos que cresciam por todo o lado. Perdido nos seus pensamentos, o Senhor Chagnon não viu os restos de refeição que um roedor acabava de abandonar. O pé escorregou, o homem perdeu o equilíbrio e caiu à água. Felizmente que não se magoou.

– Graças a Deus que a minha lâmpada não se apagou. Seria bem difícil encontrar a saída às escuras.

– Onde vai dar este riacho? – perguntou Louis, enquanto o seu novo chefe tentava secar-se.

– Vai dar a um poço especial: o poço mais baixo da mina. Existem tubos que aspiram a água desse poço para o exterior.

– Porque é preciso mandá-la para o exterior? – continuou Louis.

– Para que a mina não fique inundada em poucos dias.



Embora fosse distraído, o agrimensor conhecia as galerias como ninguém. Numa outra ocasião, o jovem mineiro foi surpreendido por uma corrente de ar.

— Estamos perto de um poço de ventilação — explicou o engenheiro. — Está equipado com um enorme ventilador, que permite renovar o ar da mina e eliminar uma parte do grisú.

Louis pensou que a mina estava cheia de segredos, segredos de que os habitantes da aldeia nem sequer suspeitavam. Mas, apesar de todo o prazer que explorar a mina na companhia do agrimensur lhe dava, ficava sempre contente quando a jornada de trabalho chegava ao fim.

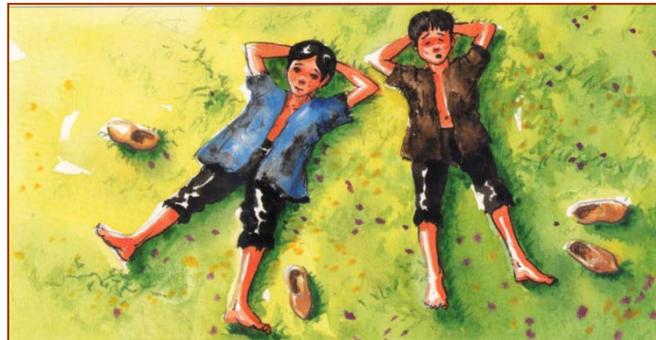
Chegava a invejar as mulheres e crianças que recolhiam alguns restos de carvão nos aterros por detrás da mina. Contudo, mesmo que estas pessoas trabalhassem ao ar livre, estavam longe de ganhar o que ele ganhava como mineiro de fundo. Pensava o mesmo quando via as mulheres encarregadas de retirar os pedaços de rocha misturados com o carvão. Era um trabalho monótono e fatigante, pelo qual eram pagas apenas segundo o número de cestos de pedras que enchiam por dia.



Em redor de um dos pontões, crescia um emaranhado de vias-férreas. O carvão acabado de escolher pelas mulheres era carregado em grandes vagões, que partiam em direcção a Lyon, a Le Puy, e a outros portos do rio Loire. Louis continuava a seguir o engenheiro por todo o lado, dos pontões aos passadiços, dos passadiços ao edifício onde se encontrava o escritório do engenheiro. Depois de ter arrumado o material, o rapaz punha-se a admirar os mapas que estavam nas paredes.

Quando, às vezes, o engenheiro não passava o dia todo no fundo da mina, Louis transportava lâmpadas. Atravessava a mina inteira para trocar lâmpadas acesas por lâmpadas apagadas, melhorando assim o seu conhecimento das galerias.

Louis esperava sempre, com impaciência, a chegada do domingo, o único dia de descanso dos mineiros. Deitado na erva ao lado de Tounet, desfrutava, enfim, do sol. Há mais de três meses que trabalhavam no fundo da mina. A alguns metros deles, o pai de Louis ocupava-se do jardim. Antigo mineiro, sofria de silicose, uma doença dos pulmões que afecta a maioria dos mineiros. Como já não podia trabalhar na mina, ocupava-se da horta para alimentar a família.



Tounet perguntou a Louis:

– Quantos anos vivem os cavalos?

Um pouco surpreendido, Louis pensou por momentos e respondeu:

– Não sei, mas não tantos como as pessoas. Porque perguntas?

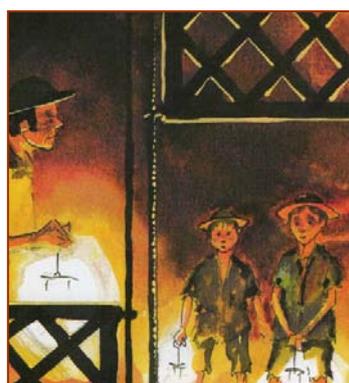
– Por nada. Penso que gostaria de passar a vida inteira com o Tambour.

No dia seguinte, regressaram ao trabalho. Mal os dois pequenos mineiros chegaram ao fundo, encontraram Ratel, que saía de uma das galerias. Louis esboçou um sorriso trocista que logo perdeu.

– Vem comigo! – ordenou o encarregado.

– Estou à espera do Senhor Chagnon – resistiu o rapaz.

– Não estou a falar contigo! Estou a falar com ele!



E designou Tounet com o queixo.

– Mas... e o Tambour... – balbuciou Tounet.

Ratel nem o ouvira:

– Como o Senhor Engenheiro me tira o meu pessoal, tenho de recuperá-lo onde posso.

O encarregado pegou no rapaz pelo colarinho e levou-o consigo.

Tounet gritava e chorava:

– Tambour! Quero ver o Tambour!

Louis sentiu-se consternado. Como não podia atacá-lo, Ratel atacava o seu melhor amigo. Quando o Senhor Chagnon chegou, a criança, quase a chorar, contou-lhe o que se passara.

– Ai é assim que ele se comporta? Não te preocupes, hoje à noite falarei com o administrador. O mais provável é que Ratel seja despedido. Tem dado demasiado nas vistas!

Louis ficou mais tranquilo. No dia seguinte, Tounet voltaria para junto do cavalo e ele livrar-se-ia de vez do encarregado. Foi com o coração mais leve que seguiu o engenheiro rumo a uma galeria que uma equipa estava naquele momento a cavar na rocha.

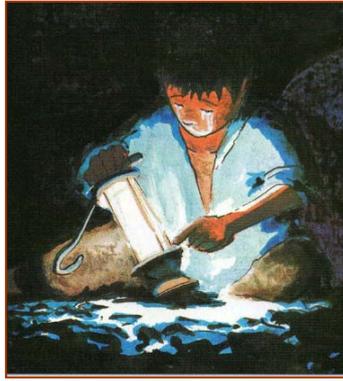
Naquele preciso instante, Ratel colocava Tounet diante de um ventilador manual e mandava-o pôr o maquinismo a trabalhar mais depressa. Com os olhos cheios de lágrimas, o rapazinho começou a dar à manivela. Os mineiros tinham pena dele, mas não ousavam dizer nada, com medo de Ratel.

Louis e o engenheiro tinham acabado de chegar à nova galeria.

– Se os meus cálculos estiverem certos, em breve devemos encontrar carvão – exclamou o agrimensur.

Em seguida desatou a rir, porque se tinha enganado no instrumento que tirara do saco. Louis riu também, sempre admirado com a distração do homem.

Mas as coisas não estavam a correr bem a Tounet. O cansaço e o desespero consumiam-no. Estava totalmente exausto. Foi então que viu algo que lhe partiu o coração: Tambour estava a ser conduzido por um mineiro e nem reparara nele. O rapaz desatou a soluçar.



Talvez por causa das lágrimas, teve de repente a sensação de que a luz da galeria se esbatera. Tentou regular a chama da sua lâmpada, sem reparar no tom azulado que a chama adquirira. Então, morto de cansaço e esquecido de todas as recomendações que lhe tinham sido feitas vezes sem conta, Tounet levantou a grelha da lâmpada.

É impossível descrever o barulho tremendo e a detonação infernal que se fez sentir por toda a mina. Dentro da nova galeria todos foram projectados ao solo. Depois da surpresa, veio o pânico.



– Temos de evacuar toda a gente! – gritou alguém por entre as nuvens de pó.

Desataram todos a correr em direcção à cabina que os levaria à superfície. Louis ouviu uma discussão entre dois encarregados:

– Alguém apanhou grisu lá para os lados do “Inferno”.

“Grisu? Inferno?”, pensou Louis.

– Tounet! – gritou, espavorido, desatando a correr em direcção ao labirinto mineiro.

Sabia bem por onde ir, pois já lá tinha estado. Reflectia nas direcções a tomar em voz alta, para apaziguar o medo que sentia. De repente, ficou sem fôlego, e sentiu que o

chão lhe fugia debaixo dos pés. Um mineiro acabara de o agarrar pelo pescoço e levava-o de volta para a cabina.

– Deixe-me, deixe-me! Tenho de ir procurar o Tounet!

O mineiro nem lhe prestou atenção. Louis gritou pelo amigo, mas em vão. Na obscuridade da mina, no coração do Inferno, Tounet já não podia ouvi-lo.

O balanço do acidente foi anunciado nessa mesma noite: catorze feridos e seis mortos. Entre os mortos, estava um rapaz chamado Antoine Vallat, que todos conheciam como Tounet. Um cavalo tinha igualmente morrido na mina. As galerias, fragilizadas pela explosão, não demoraram a desmoronar.

No dia seguinte ao drama, Louis voltou ao trabalho na mina. Passaria aí toda a sua vida. Atingido pela silicose, como o pai, desceu ao poço pela última vez em 1913, numa cabina instalada no novo poço Couriot. Morreu dois anos mais tarde, a 19 de Maio de 1915.

Foi encontrado deitado na relva, a alguns metros do seu jardim, aquele mesmo onde quarenta anos antes o amigo tinha murmurado:

– Gostaria de passar a vida inteira com o Tambour.

FIM



Fabien Grégoire
Les enfants de la mine
Paris, l'école des loisirs, 2003
(Tradução e adaptação)